

Humor de cão

CHATICE. Há pouco, estava eu todo sentimental a ler uns anúncios do “Notícias”, apareceu-me o meu afilhado do Feijó mascarado de humor negro em farda de universitário galaico-coimbrão. Pasmei. Vinha de batina cor das trevas e capa medieval com colagens de emblemas e de brasões.

Bom dia, pá, disse-lhe eu, com essa capa de etiquetas pareces a mala dum caixeiro viajante. Caixeiro viajante?, perguntou ele. Sim, caixeiro viajante à antiga. Um daqueles que andam de mala coberta com rótulos de hotel, ou já não há disso?

O rapaz não gostou. Todo embrulhado em folclore enxertado de Santiago de Compostela, traçou a capa pelo ombro e saiu de cabeça alta, como se fosse um Zorro desarmado, sem chicote e sem chapéu. Não deixou portanto a assinatura zigue-zague traçada a golpe no ar e, por respeito cá ao padrinho, também não desfraldou, sorte minha, a sigla do Efe-Erre-a. Regressei portanto ao jornal:

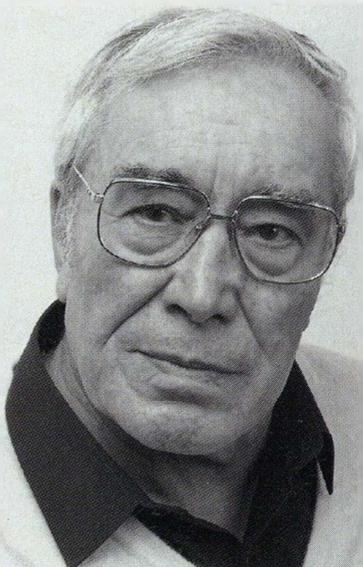
SANDRA CARLA (SANDRITA)

Faz boje um ano, às 17h e 53m, que fui contemplada pela magia de ser tua mãe. Recebe um beijinho de parabéns com votos de muitos anos de vida na companhia dos teus pais que muito te querem

Wanda e Manuel da Luna Mateus

Porque o carnaval que ele tem andado a cumprir não lembra ao Diabo: como caloiro ao serviço da praxe e do hooliganismo jocoso dos “doutores”, o desgraçado tem sido visto a arrastar-se pelas ruas de pés atados e latas ao pescoço ou a ladrar a quatro patas (...). Outros receberam a água do baptismo académico por um pénis de porcelana e tanto erotismo, só por si, revela uma imaginação do caraças.

Aqui, sim, havia humor. Passei à página seguinte e palavra que me enternei ao encontrar, em anúncio em caixa alta, um IN MEMORIAM dedicado a um “bulldog” “dotado de espírito franciscano” que repousa num talhão do Jardim Zoológico de Lisboa. Logo adiante um apelo aos seropositivos para ajudarem a obra de esperança e de santificação promovida por uns religiosos anóni-



José Cardoso Pires

mos, e aqui fui-me abaixo por inteiro: estas manifestações do humor de consciência comovem o mais empedernido. Por isso é que não achei nada bem o meu afilhado do Feijó mascarado de humor negro.

Negro e olheirento, coitadinho. Porque o carnaval que ele tem andado a cumprir não lembra ao Diabo: como caloiro ao serviço da praxe e do hooliganismo jocoso dos “doutores”, o desgraçado tem sido visto a arrastar-se pelas ruas de pés atados e latas ao pescoço ou a ladrar a quatro patas em oração a todos os Sades e Masochs da Divina Academia. Humor cão, chama-se a isto. Alguns colegas dele já foram obrigados a masturbar simbolicamente rafeiros ao dobrar da es-

quina, outros receberam a água do baptismo académico por um pénis de porcelana e tanto erotismo, só por si, revela uma imaginação do caraças. Tem carradas de medievalismo religioso ou de seita selvagem contemporânea porque institui a humilhação e a obediência cegas (embora emolduradas em gargalhadas boçais) e se a histeria refinar ainda vamos ver alguns “doutores da praxe” transformados em anjos satélites do Templo Solar ou das Trevas Davidianas.

DE OLHOS ESQUECIDOS por cima do jornal, fico-me a pensar nas frustrações e nos oportunismos que comandam certas identificações de grupo. Nos exibicionismos, nos ritos e outros sinais exteriores com que uma classe se pretende afirmar privilegiada pela tradição e pela História, pelos arrotos tolerados ou pelas rapaziadas que o paternalismo consente como manifestações duma juventude a diferenciar. Enfim, tudo para que em cada capa-e-batina se veja uma hipótese de cem doutores e um ministro.

Nos anos 20, John dos Passos, ao descrever a sua primeira visita a Portugal, comparou os estudantes fardados a uma legião de jovens curas. O meu afilhado de Sacavém suponho que nunca na vida leu o Dos Passos porque estuda gestão numa dessas universidades mercantis que andam a monte por aí e quem estuda para o sucesso não tem cá tempo para literatices.

O que vale é que, mesmo com os engraçados de graça triste e os calvários das praxes, nenhuma geração é rasca ou deixa de ser. E que, além disso, a História, como sabemos, também não se faz por gerações. ●